LEVAR A LER EM "LUGARES DISTANTES": UMA PROPOSTA DE LEITURA

LEADING TO READ IN "DISTANT PLACES": A READING PROPOSAL

Alessandra Maria de Mesquita*

Resumo: Este trabalho está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, ao Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e juvenil na Escola – Lelit, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – e segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor. O objetivo deste é investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler em uma escola municipal de ensino fundamental no município Monte Alegre-PA. A metodologia adotada consiste em pesquisa de intervenção com a organização de uma biblioteca na escola e o desenvolvimento de atividades de leitura. O estudo iniciou no primeiro semestre de 2017 e se estendeu até outubro de 2018. A base teórica é: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) e Saviani e Duarte (2010). Os resultados apontam que houve um entusiasmo da escola em utilizar a biblioteca escolar organizada e realizar atividades de leitura com os alunos. Contudo, não alcançou uma proposta mais sólida de todo o corpo docente. Algumas ações desenvolvidas foram contínuas, mas não coletivas.
Palavras chave: Leitura; Literatura; Formação do leitor; Biblioteca escolar.

Abstract: This work is linked to the Professional Master Program in Letters - Profletras, the Study Group Reading and Intervention in Children's and Youth Literature at the School - Lelit, of the Federal University of Western Pará - Ufopa - and follows the research line Children's Literature, literature and education, reader training. The objective of this is to investigate the conditions and possibilities of establishing a place to take reading in a municipal elementary school in the municipality of Monte Alegre-PA. The adopted methodology consists of intervention research with the organization of a library in the school and the development of reading activities. The study began in the first half of 2017 and lasted until October 2018. The theoretical basis is: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) and Saviani and Duarte (2010). The results indicate that the school was enthusiastic about using the organized school library and reading activities with the students. However, it did not achieve a stronger proposal from the entire faculty. Some actions developed were continuous but not collective.
Keywords: Reading; Literature; Reader training; School library.

1 Introdução

Há um consenso com relação à leitura ser elemento importante para o ser humano. Porém, o lugar dos livros, que constitui ponto fulcral para a formação de leitores, não está presente em todas as escolas. Muitas campanhas e projetos têm sido propostos a fim de incentivar o interesse pelos livros. Contudo, as ações não conseguem se fixar. Por isso, propus-me a desenvolver a pesquisa intitulada *Levar a ler em "lugares distantes": uma proposta de leitura* com o intuito de investigar as condições e

* Mestra em Letras pelo Profletras (2019), pós-graduada em Informática e as Novas Tecnologias Educacionais pela ULBRA (2009), graduada em Letras: Português/Inglês pela UFOPA (2015) e graduada em Pedagogia pela UFPA (2006). Atualmente é especialista em educação no Colégio Francisco Nobre de Almeida e professora na Escola Dr. Dátis. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Coordenação Pedagógica, Informática Educativa, Biblioteca Escolar, Leitura, Literatura e regência em educação geral nas séries iniciais e história, geografia, redação, educação religiosa, educação artística, estudos amazônicos e língua portuguesa nas séries finais do ensino fundamental. E-mail: sandra_m_mesquita@hotmail.com

CC BY

possibilidades de instituir um lugar de levar a ler em uma escola de ensino fundamental, em Monte Alegre, Oeste do estado do Pará.

Esse estudo tem vínculo com uma linha de pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), através do Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e Juvenil na Escola[1] (Lelit) que tem tratado do assunto desde 2013, na região Oeste do Pará. Uma vertente desses trabalhos busca instituir espaços de "levar a ler" em "lugares distantes". Ambos os conceitos em destaque são categorias utilizados por Santos (2016). A primeira se reporta a ações que ultrapassam a promoção e o incentivo à leitura, consiste num valor de cunho interventivo caracterizado por aspectos pedagógicos, político e cultural. A segunda categoria está relacionada a locais sem acesso aos bens culturais como galerias, livrarias, teatros, museus. Esses lugares tanto podem ser geograficamente distantes das metrópoles como estarem às suas margens. Considero como fator relevante o *lócus* da pesquisa estar no interior da Amazônia, região periférica física e culturalmente.

O trabalho com leitura na escola se constitui como uma ação que exige a atenção do poder público no sentido de organizar e manter a biblioteca, detentora do acervo; empenho dos professores, coordenação e gestão para a realização das ações de levar a ler; colaboração dos pais e responsáveis no incentivo à leitura e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Pensar a leitura pressupõe o desenvolvimento de várias funções: a educativa voltada à formação integral do indivíduo; a cultural e social por meio de diferentes materiais, convivências e relações interpessoais; e a recreativa educativa por meio de atividades variadas. Utilizar a leitura e a biblioteca escolar consiste em proporcionar a democratização do livro, garantir o direito de acesso à cultura escrita e formar cidadãos para a vida.

2 Leitura

A leitura constitui temática antiga nas discussões sobre educação, seja pelas inadequações de práticas pedagógicas, pela falta de práticas leitoras na escola, seja pela importância da leitura no processo de ensino e aprendizagem, bem como pela relevância dessa para a vida. Assim, para entender as mudanças contemporâneas com relação à leitura, é preciso verificar como a cultura escrita foi inserida em nossa sociedade.

Leitura vem do latim *lectura*, que significa eleição, escolha, leitura.

> O vocábulo Leitura corresponde, em seu sentido básico, à decifração e à intelecção de signos gráficos que representam a linguagem oral, estando as duas ações básicas de ler enunciadas nessa definição – decifrar e entender – de tal modo interligadas que uma implica a outra. (BRITTO, 2015a, p.25).

Nesse contexto, ler ultrapassa a simples decodificação de signos, não nega a decifração, mas vai além, pressupondo o entendimento daquilo que se lê, daquilo que se decodifica. A leitura apresenta caráter histórico, constituindo um produto que se difere a cada época por conta dos fatores que compõem a sociedade. Além disso, para Britto (2003, p. 100), a leitura é um ato político, um modo de se colocar no mundo e entender o homem.

[1] O grupo reúne professores e estudantes de letras e pedagogia da UFOPA, de graduação e pós-graduação e professores de ensino básico da Santarém, para atividades de estudos, formação e intervenção pedagógica em literatura, alfabetização e biblioteca. O lema do grupo é ler literatura, viver e aprender.

Koch e Elias (2006) versam sobre três concepções de leitura: foco no autor, foco no texto e foco na interação autor-texto-leitor. Cada vertente assume uma posição de língua, de texto e de sujeito com configurações diferentes acerca da leitura. A concepção foco no autor admite a língua como representação do pensamento, o sujeito é dono de sua vontade e o texto é concebido como produto do pensamento do autor. Nessa perspectiva, o leitor tem a função de "captar" o pensamento do autor: a leitura consiste de uma "atividade de captação das ideias do autor" (KOCH & ELIAS, 2006, p.9-10).

Quando o foco está no texto o sujeito é determinado pelo sistema, o texto é produto a ser decodificado e o leitor precisa reconhecer os sentidos desse construto. A leitura exige que o leitor se detenha ao texto, porque "tudo está dito no dito" (KOCH & ELIAS, 2006, p. 10).

A terceira concepção, foco na interação autor-texto-leitor, pressupõe aversão dialógica da língua com sujeito ativo na interação com o texto a fim de construir sentidos. Dessa forma, a leitura "é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos" (p. 11). É nessa perspectiva da interação autor-texto-leitor que pretendo encaminhar as ações de levar a ler na intervenção.

Para Ezequiel Theodoro da Silva (1984), nas sociedades letradas, a leitura é componente básico de todos os níveis de ensino. Isso ocorre por constituir um dos veículos que comporta o registro verbal, sendo instrumento de acesso aos bens culturais. Silva (2009) elucida três posturas do leitor perante o texto: ler as linhas, ler nas entrelinhas e ler para além das linhas. O cerne da discussão está, no entanto, na terceira postura, que caracteriza o leitor crítico com o intuito de "compreender as circunstâncias, as razões e os desafios sociais permitidos ou não pelo texto" (p. 34).

Para Vincent Jouve (2002), a leitura é atividade multifacetada composta por cinco dimensões. É um processo neurofisiológico, por se tratar de "operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos" (p.17). Perpassa por um processo cognitivo, no qual, após perceber e decifrar os signos ocorre a significação pela conversão das palavras. Uma terceira dimensão está relacionada ao processo afetivo, correspondendo à identificação e às emoções que o texto provoca. Há ainda o processo argumentativo, em que os elementos do texto são organizados de uma forma que expressa a visão de mundo do autor e sua intenção ilocutória[2]. A quinta dimensão corresponde ao processo simbólico que concebe a leitura como "parte interessada de uma cultura" (p.22), agindo, portanto, no imaginário coletivo conforme a época.

Outro autor importante para essa discussão é Constantino Bértolo (2014), para quem a leitura motiva intenso movimento de saída para o exterior e apresenta quatro níveis do processo mental do indivíduo diante do texto narrativo. O primeiro, o textual, refere-se à decifração do código linguístico e os significados dos signos na busca do sentido do texto. O autobiográfico concerne à gama de conhecimentos que a pessoa detém capaz de proporcionar-lhe o entendimento dos textos através de seu repertório biográfico histórico – adquirido no relacionamento social – e pessoal – conforme as configurações semânticas das palavras de forma individual. O terceiro, o metaliterário, reporta-se ao conhecimento acerca da história da literatura e a história leitora de cada leitor. Por fim, o último nível, o ideológico, está voltado ao modo como o leitor vê e interpreta o mundo.

[2] "Vontade de agir sobre o destinatário, de modificar seu comportamento" (JOUVE, 2002, p. 21).

CC BY

2.1 A leitura literária: um caminho para a formação de leitores

Diante das tentativas de promoção dessa prática, algumas concepções chegam às escolas e perpassam os debates. Contudo, é preciso cautela quanto à implementação dessas políticas no sentido de indagar que concepções são essas e de ter consciência de o que se promove quando se fala em formação do leitor literário?

Para Britto (2003), o desenvolvimento da leitura literária está relacionado à formação de valores[3]:

> Promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística. Estão expressos e fundamentados no texto e na arte literária (BRITTO, 2003, p.112).

Pensar educação é pensar politicamente formação consistente, que dê ao indivíduo subsídios para a práxis. Nessa perspectiva, educação e literatura se constituem como grandes aliadas para o ser humano no que tange a sua formação, tendo em vista o valor imensurável da literatura para a condução da vida humana, e, se apossar dos conhecimentos construídos através da literatura é um bem necessário. A produção literária tem forte característica humanizadora: "quando lemos, nos humanizamos" (BRITTO, 2015a, p.34). Ler textos literários traz significativas contribuições na estruturação da personalidade individual, mexendo com os aspectos cognitivos da pessoa de forma a propiciar a incorporação de comportamentos adequados à vivência social, bem como motiva a organização do pensamento e a assimilação de conteúdos novos por parte de quem lê.

No que concerne à questão da humanização[4], Candido (2011, p. 175) afirma que "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas". Nessa lógica, vê a literatura com amplitude que perpassa os mais diversos gêneros textuais e abrange diferentes dimensões da arte, bem como da essência humana nas suas variadas culturas. Assim, literatura não é apenas fruição estética, configurando-se como visão social, uma forma do homem pensar e ver o mundo.

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional e dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p.174).

Na concepção de Candido (2011), a literatura é considerada em um âmbito universal de forma a ser um elemento próprio do ser humano independentemente da

[3]Valor: "tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daqueles componentes essenciais; e pode-se considerar desvalor tudo o que direta ou indiretamente rebaixe ou inverta o nível alcançado no desenvolvimento de um determinado componente essencial. *O valor, portanto, é uma categoria ontológico-social;* como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural e sim objetividade social" (HELLER, 2000, p. 4-5).

[4] "O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor" (CANDIDO, 2011, p. 180).

cultura de que faz parte, da etnia a que pertence ou do lugar que habita. Para o autor, sendo criação humana, sua produção é encontrada onde há seres dessa espécie, das classes mais baixas às mais elevadas da população. Por isso, não se pode pensar a literatura como algo mágico, voltada ao imaginário ou romantizada. Já dizia Agnes Heller (2000) que a arte e a ciência são as formas de elevação da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras, de forma que a arte faz isso devido proporcionar a autoconsciência e a memória da humanidade.

Assim, é de grande relevância que o indivíduo tenha contato com textos dessa natureza desde tenra idade, como indica Ana Maria Machado (2001). Lendo desde cedo, a pessoa incorpora bagagem cultural que levará para o resto da vida como forma de ver o mundo e agir nele. Logo, é de extrema necessidade a escola discutir o que entende por leitura literária e seu efeito no desenvolvimento humano e como ocorre a leitura literária no âmbito familiar e na escola.

> A literatura é, entre outras coisas, o lugar onde se pensam as palavras; as palavras coletivas e, portanto, e também, as palavras privadas. A literatura é o lugar onde se constrói o sentido e o significado das palavras e é, por isso mesmo, o lugar onde se constrói o sentido e o significado da existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade (BÉRTOLO, 2014, p.127).

Pensar a leitura literária é concordar com a maneira pela qual Ana Maria Machado (2001) a apresenta enquanto resistência à padronização, abrindo os horizontes do ser humano e desvelando as estratégias de dominação da indústria do ócio e do entretenimento. Segundo a autora, a ação alienante do sistema capitalista impede que a grande massa chegue ao conhecimento historicamente construído pela humanidade. Ler é descobrir o desconhecido, é conhecer o mundo, é decifrá-lo num jogo de sedução e ampliação da vida. Isso significa aceitar com profundo sentido e valor a leitura literária conforme Silvia Castrillón (2011), sem a considerar como lazer passivo.

É nessa perspectiva que Britto (2015b) considera a leitura, especialmente a literária, "um valor que implica também recusar qualquer acordo com o pragmatismo, o subjetivismo e o relativismo" (p.14). Não se trata de ler para fins específicos e determinados, com os chavões de que serve para alcançar melhor posição social, para ter emprego, mas ler para ser mais humano. O caminho que se trilha, portanto, não cabe ter receitas prontas para a leitura literária porque essa prática não serve para o imediatismo, nem ao pragmático, lê-se para a vida.

Nesse sentido, Vincent Jouve (2002) recorre a Michel Picard para tratar de três funções essenciais da leitura literária. A *subversão na conformidade* é apreendida pela admissão do duplo interesse pela leitura literária, permitindo contestar dada situação e assumir novos posicionamentos. A *eleição do sentido na polissemia* relaciona-se com a pluralidade de significações do texto literário, marcada pela subjetividade que leva à imaginação e interpretações do texto. E *a modelização por uma experiência de realidade fictícia* dá ao leitor a oportunidade de vivenciar fatos do mundo real por meio de realidades fictícias, experimentando situações.

Umberto Eco (2001) também chama atenção para uma série de funções que a literatura tem na vida individual e social do ser humano. Uma das funções é a manutenção da língua, outra é a língua ser patrimônio coletivo, mas a grande função é que as histórias "já feitas" ensinam também a morrer, a "educação para o fado e para a morte" (ECO, 2001).

CC BY

A promoção da leitura pela literatura deveria ser um dos principais aspectos a serem contemplados na educação em função da influência que esse tipo de leitura é capaz de proporcionar ao ser humano em todos os aspectos da vida. O trabalho com a literatura subsidia a formação do homem total, propicia o desmascaramento de ações mecânicas que o sistema insiste em manter nas escolas e possibilita o despertar dos sentimentos humanos, das emoções no ato de ler, da contemplação do belo, do ler por ler, não com fim determinado para execução de tarefas, mas para a formação do caráter, para humanizar, para experimentar situações da vida através dos livros. Isso justifica o uso da literatura na escola e revela a necessidade da presença dos livros e a sua utilização em sala de aula. Tais aspectos vêm embasando a discussão da literatura como um direito do ser humano, essa temática, portanto, constitui o foco principal do próximo tópico.

2.2 Biblioteca escolar: lugar de levar a ler

A biblioteca escolar constitui um dos tipos de biblioteca passíveis de ser encontradas na sociedade (apesar de ínfimas, se comparadas à população atual) como a pública, infantil, universitária, nacional e comunitária. A lei nº 12.244/2010, art. 2º, define biblioteca escolar como "coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura".

Silva (1999) assinalou na última década do século passado um "silêncio" no que concerne às medidas governamentais relacionadas ao funcionamento das bibliotecas escolares, os recursos humanos e materiais, espaço físico e a falta de atenção dos administradores públicos, da própria gestão das escolas e até da produção científica na área. A intenção do autor era denunciar a situação de abandono, não obstante consistia também incitar à ação.

> Quais as questões que devemos propor, então, para analisar a biblioteca escolar? Em primeiro lugar, que escola queremos e, nela, qual o lugar da biblioteca escolar? Que formação do professor queremos e, nela, qual o espaço a ser destinado à teoria e à prática da biblioteca escolar? Que profissionais queremos para assumir as bibliotecas escolares e que formação lhes devemos oferecer? Enfim, qual o papel da biblioteca escolar e dos seus profissionais na escola pública gratuita, democrática e de qualidade que temos lutado para construir? (SILVA, 1999, p. 29).

Com as políticas públicas para o livro, a leitura e a biblioteca organizadas a partir da denominada Política Nacional do Livro – Lei 10.753/2003 – programas federais foram organizados, dentre eles o Pró-leitura, Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), Fome do Livro e Vivaleitura, Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE), Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) e Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL).

Neste ínterim, com o percurso histórico o lugar dos livros vem sendo remodelado (nem que seja nas discussões acerca da temática), assim como sua dinâmica de funcionamento e de uso no desígnio de ser segundo Silva (1999) agência disseminadora do saber e promotora da leitura. A ação se envereda no sentido de a biblioteca assumir a posição de lugar de informação, leitura e conhecimento ao invés de depósito dos livros e demais objetos inutilizados nas escolas.

CC BY

> Nesse sentido, a biblioteca escolar não deve ser só um espaço de ação pedagógica, servindo como apoio à construção do conhecimento e de suporte a pesquisas. Deve ser, sim, um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam utilizá-la como uma fonte de experiência, exercício da cidadania e formação para toda a vida (PIMENTEL, 2007, p. 25).

Em consonância com o manifesto da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre biblioteca escolar (1999, p. 3), os objetivos desse ambiente pedagógico são:

> • Apoiar e promover os objetivos educativos delineados de acordo com as finalidades e currículo da escola;
> • Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
> • Proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento;
> • Apoiar os estudantes na aprendizagem e prática de capacidades de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza, suporte ou meio, usando de sensibilidade relativamente aos modos de comunicação de cada comunidade;
> • Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas;
> • Organizar atividades que favoreçam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade;
> • Trabalhar com os estudantes, professores, administradores e pais de modo a alcançar as finalidades da escola;
> • Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia;
> • Promover a leitura e os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e do meio.

Não obstante, ao longo da história da educação brasileira, é visível uma política voltada à manutenção da elite dominante na apropriação dos bens materiais e culturais. Trata-se de estratégia do sistema de produção para manter a ordem econômica. Nesse contexto, a escola pública, e, por conseguinte, o ensino público é tomado como aparelho de exclusão social por ser classificatório, por manter o caráter de imobilidade social, não dar direito de acesso aos bens culturais à grande parte da população, por selecionar os mais dotados nos processos seletivos para ingresso no ensino superior. Assim, a instituição escolar tem realizado com maestria a elitização da leitura por negar ao aluno o direito de acesso ao livro através da inexistência de bibliotecas em grande parte das instituições de ensino de educação básica.

Segundo Campello (2012), outro documento oficial que descreve os papéis da biblioteca na formação são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Primeiro, trata esse espaço como lugar que influencia o gosto pela leitura e sugere à escola incitar nos alunos o desejo de frequentá-lo. Também o reconhece como lugar de aprendizagem permanente no qual o aluno tem possibilidade de abstrair informações, construir e ampliar conhecimento. É vista como estoque de conhecimentos por conta do acervo que a compõe e exige que o aluno tenha noção da estrutura organizacional do local, a fim de que faça uso de forma mais adequada dos recursos. A biblioteca suscita o conceito de

espaço público e pode despertar nos alunos atitudes de cidadania, respeito e zelo aos bens coletivos. Por fim, o documento a aponta enquanto meio para a valorização e preservação da cultura assim como museus, teatros, galerias de arte, dentre outros, sendo, portanto, condição *sine qua non* para o aluno conhecer, frequentar e utilizar como um bem da humanidade.

Hillesheim e Fachin (1999) expõem três funções da biblioteca escolar apresentadas por Stumpf (1987) e Oliveira (1987): 1) a educativa se refere à formação integral do ser humano, à construção do conhecimento e melhoria do processo de ensino a aprendizagem; 2) a cultural e social se reporta aos diferentes produtos culturais que a biblioteca pode dispor aos alunos como recursos multimídias além dos impressos seja livros, revistas, periódicos. E o social engloba as convivências que o espaço possibilita assim como as relações interpessoais dela decorrentes; 3) a recreativa educativa diz respeito às variadas atividades que a biblioteca é capaz de proporcionar a fim de utilizar os diversos recursos que a compõe.

Portanto, a biblioteca escolar consiste numa extensão pedagógica de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem em virtude de constituir-se como meio de acesso ao livro e pelas funções que desempenha enquanto difusora cultural. Ademais, é um local de imensa relevância para a prática da leitura e a formação de leitores.

3 METODOLOGIA

Na investigação realizada utilizou-se a estratégia de pesquisa de intervenção por adentrar o universo de uma escola na qual eu não sou funcionária. Caracteriza-se como estudo analítico. Conforme Silva (2009), as escolas têm carência de suportes que visem à dinamização da construção do saber principalmente no que tange a bibliotecas escolares.

As fontes de informações utilizadas na investigação que serviram como instrumentos de produção de dados foram: observação do cotidiano escolar, registro das observações com caderno de campo, entrevistas com a gestão e professores, conversas informais, vivência no espaço de leitura, observação da utilização do espaço de leitura, da participação da comunidade escolar nesse espaço e a dinâmica da escola a partir da implantação da biblioteca.

O trabalho de pesquisa perpassou por três fases, chamadas por Minayo (2001) de ciclos da pesquisa, "um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações" (p. 26).

Na fase exploratória da pesquisa foi o período reservado às indagações preliminares acerca do objeto de estudo, os pressupostos e teorias que dessem suporte ao desenvolvimento do projeto e às questões operacionais servindo como base para a fase subsequente. Essa fase, portanto, deteve-se à elaboração do projeto. Assim, o estudo se iniciou ainda no 1º semestre de 2017 com o levantamento teórico-bibliográfico e leituras indicadas pelo orientador para subsidiar a pesquisa. No início do segundo semestre daquele ano foram elaborados os projetos de pesquisa e de intervenção.

O projeto de intervenção *Porque a literatura humaniza* é parte integrante do projeto de pesquisa para a dissertação de mestrado do Profletras intitulado *Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em lugares distantes*. Teve como objetivo principal investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar

a ler em uma escola de ensino fundamental, possibilitando aos usuários o acesso aos livros e a ampliação de repertório cultural. Entre os objetivos específicos estavam: analisar a importância do lugar de levar a ler na escola como espaço de construção do conhecimento, refletir sobre a formação de leitores e a importância da leitura de literatura na escola, refletir sobre a importância do promotor de leitura literária para o espaço de ler, e discutir sobre o acesso à literatura no ensino fundamental e as suas implicações para o ensino.

A aplicação do projeto de intervenção iniciou no 2º semestre 2017 e perpassou o ano letivo de 2018. As atividades de intervenção foram desenvolvidas até 15 de outubro. Contudo, continuei frequentando a escola e acompanhando as atividades de leitura desenvolvidas pela biblioteca e os professores, porém, com menos frequência. A observação mesmo após o período de intervenção é uma proposta do nosso grupo de estudo que vem se firmando nas pesquisas relacionadas a levar a ler em lugares distantes a fim de verificar se a escola deu continuidade.

A segunda fase da pesquisa que consistiu no trabalho de campo iniciou com a escolha do local de pesquisa. A escola está localizada no município de Monte Alegre, Pará. Sua inauguração data de 14 de março de 1991. Teve 555 alunos matriculados no ano letivo de 2017 e 580 em 2018, distribuídos manhã, tarde e noite, com turmas de 1º a 9º anos do ensino fundamental e 2ª, 3ª e 4ª etapas da Educação de Jovens e Adultos.

Trata-se de discentes com faixa etária de seis a sessenta e quatro anos. Em sua maioria, residentes em bairros periféricos, circunvizinhos à escola. Entre os profissionais que atuaram em 2017 na escola, estão 33 professores, quatorze profissionais de apoio, uma secretária, sete auxiliares administrativos, uma coordenadora pedagógica e uma gestora. Em 2018, o número de professores passou para 24.

A pequena sala da biblioteca servia como depósito de livros didáticos e era identificada na porta como "sala da coordenação", pois a orientadora pedagógica não tinha onde desenvolver sua função e passou a ocupá-la. Iniciei as atividades em setembro de 2017. A catalogação dos livros e a classificação ocorreram de setembro de 2017 a fevereiro de 2018. O registro dos livros foi realizado no Excel utilizando: nº de registro, nome do livro, nome do autor, ano, editora, edição, nome do ilustrador e a categoria e depois impresso para ficar na biblioteca.

A finalização do ciclo da pesquisa se deu com o tratamento do material. "O tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aponta de singular como contribuição" (MINAYO, 2001, p. 27). A análise e discussão dos dados produzidos tiveram como ponto de partida quatro categorias: Ruínas de uma biblioteca, a participação da comunidade escolar, dinâmica da escola a partir da inauguração da biblioteca e vivência na biblioteca.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Ruínas de uma Biblioteca

O acervo encontrado na escola foi de 1729 livros. Nesse quantitativo constam exemplares oriundos de diferentes Programas Nacionais de incentivo à leitura e outros livros dos quais não há registros na instituição de como passaram a fazer parte da escola. O que leva a escola a guardar tantos anos esses livros? Para quê? Para dizer que tem livros? Qual a vantagem em tê-los e não serem utilizados pelos alunos? É assim que

se formam leitores, deixando os livros trancados em armários? É dessa maneira que teremos intelectuais? É reconhecível a intenção dos livros para apoio ao trabalho docente estarem na sala dos professores, porém, qual a vantagem de servirem apenas como vitrine? No caso do campo de pesquisa, o recurso material para incentivar a leitura chegava à escola, contudo, não era dado ao aluno o acesso.

Diante dessas descobertas questiono se um dos limites para a formação de leitor é o acesso ao livro, o que nós estamos fazendo nas nossas escolas para mudar essa situação? Há programas de distribuição de livros. Podem não chegar todos os livros em seus lugares de destino, mas ao menos uma parcela chega. A escola detinha um acervo de 1729, mais de um livro por aluno como rege a lei nº 12.244/2010, e como esse material estava sendo utilizado?

Silva (1993, p. 12) trata do ato de ler enquanto um "ato perigoso àqueles que ilegitimamente dominam o poder". Precisamos usar essa arma contra a alienação do sistema capitalista de produção, pois a leitura é um ato de conhecimento, é necessário desmistificar a escrita como instrumento de domínio de uma classe sobre outras porque, como diz o autor, o aumento do público leitor se configura como o acesso à informação. O que falta para que esses livros sejam usados?

> Interrogar-se sobre as condições de possibilidade da leitura significa interrogar-se não só sobre as condições sociais de possibilidade das situações em que se lê (e imediatamente se percebe que uma dessas condições é a *scholê,* a forma escolar do ócio, ou seja, o tempo de ler, o tempo de aprender a ler), mas também sobre as condições sociais de produção de *lectores.*Interrogar-se sobre as condições desse tipo de prática que é a leitura significa perguntar-se como são produzidos os *lectores,* como são selecionados, como são formados, em que escolas, etc. (BOURDIEU, 2004, p.135).

Diante desses questionamentos é preciso refletir sobre o papel da escola pública na formação do leitor e a sua grande responsabilidade em desenvolver um trabalho consistente porque na escola não vale qualquer coisa, trata-se de uma instituição que tem a obrigação de levar o melhor para as nossas crianças e jovens. A escola pública brasileira precisa ser um lugar de socialização e irradiação da cultura escrita e a biblioteca escolar é um dos ambientes mais apropriados para a disseminação dessa cultura.

4.2 A participação da comunidade escolar

A presença dos servidores se dava em busca da articulação de atividades. A elaboração destas ocorria em conjunto com o professor da turma ou o de português, e a parceria da coordenadora. Alguns pais ou responsáveis acompanhavam as atividades pelo *facebook* da biblioteca. As ações de leitura tiveram o apoio da gestão, coordenação, professores e servidores da secretaria da escola.

O processo de instalação da biblioteca não aconteceu de forma coletiva. No primeiro semestre, ex-alunos e até alunos de outras escolas frequentaram o local e emprestaram livros. Considero a falta de locais desse porte no município, o desconhecimento literário e o comodismo como fatores que contribuem para uma desordem e para a falta de importância e interesse a bibliotecas. Diante da realidade massificante imposta pelo sistema do capital, percebemos que prevalece a "ordem do pragmático" tal como aponta Britto (2015b) "ordem em que as coisas imperam e fazem

da pessoa uma coisa entre tantas mais. E, para isso, há que narcotizar a alma da gente, que assim vai passando pelo tempo como se ele não fosse, vai sendo sem dar-se conta de que existe" (p. 28).

As pessoas querem que bons projetos sejam feitos, os pais exigem uma educação de qualidade, porém, ninguém quer ter o trabalho de desenvolver ações diferenciadas porque exige tempo e custos. Nessa panaceia, é preciso salientar, no entanto, que o incentivo à leitura não exige planos mirabolantes, necessita de ações sistematizadas e contínuas, basta colocar a leitura como atividade indispensável aos alunos.

[Como] a arte e a literatura estão presentes na vida dos alunos? E da população em geral? E a leitura? Quanto à escola pesquisada, os professores de 1º ao 5º ano e de português aderiram ao projeto no sentido de propagar a leitura através de notáveis ações. No entanto, estas não se consolidaram como coletivas. Algumas seguiram uma linha contínua de desenvolvimento, outras não com as atividades: reconto, ficha de leitura, projeto ler e escrever na escola: tudo a ver, leitura diária, espalhando alegria através da poesia, carta de recomendação literária, piquenique literário e compartilhando o lido.

4.3 Dinâmica da escola a partir da inauguração da biblioteca

A biblioteca causou um intenso movimento na escola conduzindo os alunos em busca dos livros. Seria a novidade de poder estar próximo de tantos livros? O desejo de fugir do calor, já que a sala era bastante refrigerada? A possibilidade de adentrar um novo mundo? A descoberta de uma nova função (interessante) da escola? Poderia elencar diferentes motivos, todavia o que se sobressai é o acesso ao livro.

A rotatividade era imensa, talvez a justificativa fosse o fato da sala não ser aberta diariamente, após a saída da professora em abril e a nova lotação da biblioteca em outubro. O movimento maior era no turno da manhã devido ter onze turmas funcionando em contrapartidas à tarde que tinha cinco e à noite, duas. Quando teve funcionário lotado no início do ano, iniciou uma política de empréstimo com prazo de cinco dias, depois estendi para sete porque não tinha quem recolhesse os livros. As seções mais frequentadas eram: infantojuvenil e quadrinhos.

Em rede os livros emprestados pelos alunos passavam às mãos de seus pais, irmãos, primos e até vizinhos. A produção do valor de determinadas leituras, particularmente, nas séries iniciais foi perceptível a partir da *hora da leitura*. Os livros utilizados nesse momento eram intensamente procurados pelos alunos, por isso tentei levar ao conhecimento dos estudantes autores como Eva Furnari, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Cecília Meireles, dentre outros, totalizando 40 livros lidos enquanto a leitura foi feita por mim. Outro fator que influenciou a busca já nas séries finais foram as *Oficinas de leitura: Conhecendo o autor*, devido à curiosidade suscitada na apresentação das obras dos escritores estudados entre os quais esteve Marilda Castanha e Monteiro Lobato.

4.4 Vivência na biblioteca

O objetivo dessa categoria foi analisar o movimento da biblioteca como um espaço de leitura e aprendizagem, tratei da organização do espaço e o funcionamento, ações desenvolvidas e a atuação das professoras da biblioteca como promotoras de leitura na escola.

CC BY

Organizei a biblioteca tentando dispor aos alunos o máximo de espaço possível dentro da minúscula sala que nos foi disponibilizada. Conta com climatização adequada, porém não há acomodação para muitas pessoas. Apenas quatro pufes e o tapete que consegui de doação. As prateleiras são de madeira, sendo mais aconselháveis de material em aço.

As professoras lotadas na biblioteca deram sequência às ações de levar a ler que eu vinha fazendo principalmente o *baú literário* e a *hora da leitura*. A justificativa dada pelas servidoras de não prosseguir com todas as atividades foi a de que eram muitas e precisavam se situar com a realidade para então aderir às demais ações.

Atividades que desenvolvi durante a execução do projeto de intervenção: *empréstimos, hora da leitura, baú literário, visitas a outras bibliotecas, oficinas de leitura: conhecendo o autor, propaganda da leitura, bolsão de indicação literária e perfil da biblioteca no facebook.*

Acredito ter acertado em algumas ações como o *baú literário,* devido a motivação para que os professores utilizassem os livros da biblioteca em suas aulas; a *hora da leitura* reservando sempre uma vez na semana um momento para os alunos ouvirem a leitura de literatura na biblioteca para cada turma; o perfil do *facebook,* espaço virtual, palco do contato com autores como Geraldi e Marilda Castanha, os quais também contribuíram com as ações de levar a ler nesse lugar distante enviando livros e vídeo aos alunos, respectivamente; e, com os *vídeos de autores* expostos nas *oficinas de leitura* presenciei a emoção dos alunos ouvindo a mensagem feita com exclusividade para aquele público. Contudo, cheguei ao entendimento que outras foram pouco produtivas como o *bolsão de indicação literária,* o *mural propaganda da leitura* e a *visita a outras bibliotecas.* Sem excluir as suas contribuições no que concerne à promoção da leitura, acredito que a intervenção obteria resultados mais favoráveis se fossem realizadas atividades de maneira mais sequencial e contínua como as citadas no primeiro rol. Essa compreensão, no entanto, só foi possível com o decurso do estudo.

5 Considerações finais

A educação é um meio pelo qual as pessoas podem ter acesso à cultura e a biblioteca pode auxiliar no cumprimento dessa responsabilidade na escola. A comunidade escolar precisa ter ciência disso para que possa proporcionar condições de os alunos terem seus direitos respeitados e garantidos seja para cumprir a lei, seja pela questão da humanização no que tange à leitura, especificamente. Percebi que nos eventos da escola, particularmente os direcionados aos alunos das séries iniciais, passaram a dar espaço à literatura. Uma prática que se inicia diariamente na sala de aula com a leitura e é externada demonstrando a influência da biblioteca, da literatura na organização dos eventos, mesmo de modo ainda tímido.

Comungando com as pesquisas já desenvolvidas na região Oeste do Pará acerca da leitura, admito que um trabalho consistente de levar a ler nesses lugares distantes precisa considerar: a necessidade da formação docente a fim de assegurar a constituição de um profissional pedagogicamente embasado para lidar com a complexidade da existência que a literatura pode proporcionar ao leitor e assim de posse do conhecimento das múltiplas esferas do desenvolvimento humano poderá mediar esse processo tão importante da leitura; a necessidade de despertar a atenção das administrações públicas sobre a implantação e manutenção das bibliotecas escolares, lotação de pessoal, organização dos ambientes, adesão aos projetos de leitura e diminuir a rotatividade de funcionários para que as ações de levar a ler consigam se solidificar e se fortalecer nas

escolas, que visem a formação de mediadores e a multiplicação de lugares de ler porque as políticas do livro e da leitura têm privilegiado apenas a distribuição de livros; ultrapassar o ensino fragmentado das obras visíveis nos livros didáticos e nas inúmeras avaliações externas que ditam diretrizes, habilidades e competências a serem alcançadas com a preocupação em manter um padrão de indivíduo que servirá como empregado e consumidor do mercado capitalista; a defesa de formar cidadãos conscientes da necessidade da literatura para a vida, por isso me posiciono a favor da formação omnilateral e que todo processo educativo é também político e social.

Referências

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica.** Tradução Carolina Tárrio. SP: Livros da Matriz, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. *In:* _____. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, 1997. 10 v.

BRASIL, Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 01 jun 2017.

BRASIL**.** Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Política Nacional do Livro.**Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.753.htm. Acesso em: 13 abr. 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura e participação.** SP: Mercados das Letras, 2003.

_____. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015a.

_____. **Ao revés do avesso: Leitura e formação.** SP: Pulo do Gato, 2015b.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura como direito. *In*: _____. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 5ª ed. Corrigida pelo autor. 2011 p. 169-191.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CHARTIER, Roger.**A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ECO, Umberto. **A literatura contra o efêmero**. Folha de São Paulo- SP (publicado em 02/18/2001). Disponível em: http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html. Acesso em: 10 de jul. 2017.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HILLESHEIM, Araei Isaltina de Andrade & FACHIN, Gleisy Regina Bories. **Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 4, N. 4, 1999. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/340/403. Acesso em: 19 abr. 2018.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. RJ: Objetiva, 2001.

MINAYO,Maria Cecília de Souza(org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

PIMENTEL, Graça. **Biblioteca escolar.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acesso em: 07 abr. 2018.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** SP: Cortez, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios.** SP: Global, 2009.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez, 1984.

UNESCO. **Manifesto da UNESCO sobre biblioteca escolar.**SP: 2002. Disponível em: https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf. Acesso em: 07 abr. 2018.

Recebido em 25 de agosto de 2019

Aceito em 03 de dezembro de 2019